

# Um panorama da educação musical a distância\*

Daniel Gohn

dgohn@uol.com.br

---

## Resumo

Este artigo apresenta exemplos formais e não formais de educação musical a distância, com o objetivo de traçar um panorama geral da área e discutir questões da educação a distância que estão relacionadas especificamente ao estudo musical. O momento atual mostra-se bastante oportuno para tal reflexão, tendo em vista os desenvolvimentos recentes dos dois cursos de Educação Musical na Universidade Aberta do Brasil. Também são apontados exemplos de recursos educacionais abertos (*open educational resources*) existentes na Internet, que ficam disponíveis para todos os indivíduos com acesso à rede e ampliam o universo de informações circulando fora de instituições formais. No final do texto, são colocadas indagações sobre o trabalho de professores de música em novos contextos, com a observação de algumas tendências para o futuro da EAD.

**Palavras-chave:** educação musical, educação a distância, tecnologia

## Abstract

This paper presents examples of formal and non-formal practices of distance music education, in order to give readers a general overview of the field and discuss questions within distance education that are specifically related to music studies. The moment is extremely appropriate for such considerations, as recent developments have originated two Music Education programs in the Brazilian Open University (Universidade Aberta do Brasil). Examples of open educational resources on the Internet are also given, being available to any individual with access to the web and increasing the universe of information circulating outside formal institutions. At the end of the article, questions regarding the work of music teachers in new contexts are posed, observing some trends for the future of distance education.

**Key-words:** music education, distance education, technology

---

---

\* Artigo apresentado durante a mesa redonda "Ensino a distância: uma realidade possível para a educação musical?", ocorrida durante o XVII Encontro Anual da Associação Brasileira de Educação Musical (ABEM), em São Paulo, no dia 11 de outubro de 2008.

## Introdução

Estamos em um momento muito interessante para uma reflexão sobre educação à distância, tanto para a área de música, pois cursos estão sendo elaborados e oferecidos, a exemplo do projeto da Universidade Aberta do Brasil (UAB), em parceria com a UFSCar; como de uma forma geral, para todas as áreas da educação, porque vemos como as tecnologias estão possibilitando interações cada vez mais complexas entre professores e alunos.

Atualmente, a educação a distância (EAD) está saindo de uma situação defensiva, em que sempre era preciso provar que um curso realizado a distância poderia ser tão bom quanto o equivalente presencial. Podemos perceber uma credibilidade crescente, reforçada por fatos incontestáveis como os números do Enade de 2007, em que alunos de EAD obtiveram resultados melhores do que os de cursos presenciais em 7 das 13 áreas onde a comparação é possível<sup>1</sup>. A modalidade a distância está em um processo de crescimento muito rápido, se tornando uma opção significativa para a educação de países como o Brasil, com populações espalhadas por extensos territórios geográficos. Com as novas tecnologias de comunicação desenvolvidas em décadas recentes, há uma diminuição das distâncias e uma quebra de barreiras para processos educacionais, aumentando os meios de acesso a informações e a certificações via cursos formais, reconhecidos pelo Ministério da Educação.

A EAD já era muito importante antes das tecnologias digitais que temos hoje, antes da Internet ou mesmo do telefone. A história é bastante longa e repleta de episódios interessantes. Autores como Pfromm Netto (2001) afirmam que o início dessa história foi com as epístolas de São Paulo, pois as leituras públicas das cartas de São Paulo serviram como veículo fundamental para ampliar a fé em Jesus Cristo e propagar suas lições. A partir de outros pesquisadores, podemos assumir que o começo da “EAD moderna” ocorreu com o surgimento dos serviços de correios, durante o século dezanove. Ilustrando essa história, a Universidade de Londres recentemente publicou um livro em comemoração dos 150 anos do seu *external system*, quando começaram os seus cursos por correspondência, tendo como alunos muitos nomes que se tornariam conhecidos mais tarde, como Mahatma Gandhi e Nelson Mandela (Kenyon Jones, 2008). Também chamam a

---

<sup>1</sup> “Aluno a distância vai melhor no Enade”, Folha de S. Paulo, caderno Cotidiano, 10 de setembro de 2007. Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/educacao/ult305u327081.shtml>>. Acesso em 17/10/2008.

atenção os casos de prisioneiros de guerra que concluíram cursos durante as duas guerras mundiais, se graduando naquela universidade sem nunca pisar em Londres.

Há muitos casos de sucesso e de fracasso durante esse percurso histórico. Por exemplo, no Reino Unido, a Open University é um exemplo de sucesso desde 1969, quando surgiu para combater o elitismo que existia em Oxford e Cambridge. Hoje, é uma referência para outras universidades abertas no mundo. Por outro lado, no Reino Unido também observamos um retumbante fracasso: a United Kingdom Electronic University (UKeU) surgiu no início de 2000, com grandes investimentos do governo britânico, mas desapareceu apenas alguns anos depois, por falta de alunos. Em 2001, uma palestra realizada no *British Council*, em São Paulo, apresentou o projeto como uma grande promessa para o futuro. No entanto, tais planejamentos jamais se concretizaram.

Com o aumento do número de cursos realizados a distância que ocorre atualmente, há uma maior movimentação acadêmica para publicar artigos e livros, buscando examinar o tema de todos os ângulos possíveis. Trabalhos como *Educação a distância: o estado da arte* (Editora Pearson Education, 2008) mapeiam práticas e teorias e contribuem para a compreensão de diversos aspectos relacionados à EAD. Objetivando uma contribuição para esse campo de estudos, no presente artigo serão colocados exemplos específicos de educação musical a distância, buscando desenhar um panorama da área.

## **Educação musical a distância**

Não podemos pensar em educação musical a distância sem pensar na relação entre vivência musical e tecnologia. Os adventos tecnológicos surgidos nos últimos dez anos não apenas *facilitaram* as formas pelas quais ouvimos música e recebemos informações sobre música, mas *modificaram* essas formas, permitindo situações que antes não eram possíveis. Como exemplo, imaginemos um indivíduo em um carro, preso no congestionamento de uma grande cidade. Até poucos anos atrás, o tempo dentro do veículo poderia ser usado para ouvir um CD ou rádio. Na atualidade, é possível ouvir podcasts sobre educação musical, colocando nosso personagem em contato com as atividades realizadas por professores em outras regiões ou com conferências e debates de congressos ocorridos em países distantes.

Dessa forma, nossa visão de mundo pode ser modificada com as experiências de outras pessoas, pois ouvimos temas de interesse específico, quando desejamos, quantas vezes quisermos, de graça. Após o surgimento do Napster, em 1999, o mundo da música foi transformado drasticamente, tanto para as indústrias envolvidas com produção musical quanto para aqueles ligados à educação musical. O Napster foi o primeiro programa online de compartilhamento de arquivos, em que buscas por palavras-chave levavam os usuários da Internet a baixar as músicas procuradas dos computadores de outros participantes da rede. A partir daquele instante, o computador se tornou uma espécie de “caixa mágica da música”, trazendo gratuitamente gravações que anteriormente eram obtidos mediante pagamento.

Quando pensamos em educação musical a distância, devemos considerar esse cenário de facilidades tecnológicas. Se um curso é oferecido via Internet, não se pode fingir que somente os conteúdos preparados estarão disponíveis para os alunos, porque existe também todo o resto da rede. Depois do Napster, diversos outros softwares e websites, como o e-Mule, o Kazzaa, o MySpace e o YouTube abriram novas portas para materiais relacionados à música. Por exemplo, caso um curso utilize um vídeo e um aluno decidir que esse material não é suficientemente bom, ele poderá procurar outras opções no YouTube. No minuto seguinte, com a rapidez nas comunicações, outros alunos terão assistido ao material alternativo. Isso pode ser encarado de forma positiva, demonstrando que os alunos estão desenvolvendo a capacidade para investigar e chegar a suas próprias descobertas, ou de forma negativa, se os conteúdos não forem adequados e desviarem o foco das discussões propostas pelo curso.

Com a Internet, portanto, há uma ampliação de possibilidades para estudos formais, não-formais e informais, e uma aproximação entre essas formas de educação. Na rede de computadores, se misturam os trabalhos de instituições que outorgam diplomas e certificados com os esforços de indivíduos que postam seus próprios websites, seja em troca de recompensas financeiras ou sem interesses comerciais. Dentre as iniciativas formais, podemos citar o projeto da Universidade Aberta do Brasil, com dois cursos de educação musical: um em parceria com a UFSCar e outro com a UnB. Outro exemplo é o consórcio de universidades organizado pela UFRGS.

Enquanto a Universidade Aberta do Brasil é um projeto federal, uma iniciativa estadual, a UNIVESP (Universidade Virtual do Estado de São Paulo), juntará USP, UNESP e Unicamp para que cursos de graduação sejam ministrados a distância. Também no Rio de Janeiro as seis universidades públicas do estado (UERJ, UENF, UNIRIO, UFRJ, UFF e UFFRJ) estão unidas desde

2000 no consórcio CEDERJ<sup>2</sup>, utilizando a modalidade a distância para facilitar o acesso ao ensino superior gratuito. Embora não existam programas de música nesses projetos, os modelos da UNIVESP e do CEDERJ poderão ser copiados em outros estados, abrindo mais espaços para a criação de cursos de música e para a formação de educadores musicais.

Há diversos exemplos de programas formais fora do Brasil. A Open University<sup>3</sup>, citada anteriormente, ofereceu seus primeiros cursos na área de música em 1972. A partir de 1997 a Internet já era usada como ferramenta educacional, mas somente em 2007 surgiram os primeiros cursos totalmente online. Outro exemplo é a Berklee School of Music, situada em Boston, nos Estados Unidos, que criou uma divisão de educação online chamada Berkleemusic<sup>4</sup>. Os cursos a distância podem valer créditos para alunos matriculados nos programas presenciais, mas também estão abertos para todos aqueles dispostos a desembolsar as taxas, independente do local em que se encontram. A lista de disciplinas é grande, incluindo harmonia, percepção, instrumentos (guitarra, contrabaixo e teclado), produção, arranjo, educação musical, entre outras opções.

Também existem muitos exemplos de educação não-formal, sem certificações institucionais, com professores que se organizam para dar aulas via softwares VoIP (*voice over Internet* protocol) como o Skype. Um desses casos é a Virtual School of Music<sup>5</sup>, que funciona como um ponto de encontro para especialistas oferecerem seus serviços online. Além disso, temos que mencionar a existência de blogs, podcasts, fóruns e listas de discussão como formas de disseminar conteúdos valiosos. Frequentemente, postar perguntas em fóruns pode resultar em respostas quase imediatas que ficam permanentemente online, criando acervos para solucionar dúvidas que podem surgir para outros indivíduos. Quando o fórum é aberto, ou seja, não requer uma senha para ser acessado, suas discussões estarão disponíveis para todos, servindo como fonte de consulta inclusive para alunos de cursos formais.

Muito material sobre qualquer assunto pode ser encontrado na Internet, mas a maior parte desse conteúdo está em inglês. Embora as estatísticas indiquem que apenas 29% dos usuários tenham o inglês como língua oficial<sup>6</sup>, um número que frequentemente é divulgado, sem

---

<sup>2</sup> <http://www.cederj.edu.br>

<sup>3</sup> <http://www.open.ac.uk>

<sup>4</sup> <http://www.berkleemusic.com>

<sup>5</sup> <http://www.virtualschoolofmusic.com>

<sup>6</sup> <http://www.internetworldstats.com/stats7.htm> (dados de Junho de 2008).

comprovação científica, diz que 80% dos conteúdos da rede estão nesse idioma. O inglês freqüentemente é apresentado como uma língua internacional neutra, sem ligação a contextos culturais. No entanto, experiências demonstram que, mesmo quando indivíduos compreendem o idioma, a interpretação das palavras pode variar de acordo com culturas locais, gerando falhas na comunicação. Um artigo escrito por Barbara Mayor e Joan Swann, professoras da Open University, demonstra isso claramente, ao descrever suas dificuldades para dar instruções diretas a alunos não britânicos. Para as professoras, expressões como *you might like to think about X* (talvez você goste de pensar sobre X) são tão claras como *you really must do X* (você realmente deve fazer X), mas muitos alunos pensavam que a primeira frase tratava apenas de uma sugestão para aprofundamentos posteriores, e não de uma ação importante para o momento.

Cada vez mais, com a constante expansão da Internet, especialmente para quem compreende a língua inglesa, cresce o mundo de conteúdos abertos a explorar.

## Recursos educacionais abertos

Um estudo publicado em 2007 pela Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico (*Organisation for Economic Co-operation and Development*), intitulado "Dando Conhecimento de Graça" (*Givin' Knowledge for Free*), indica uma aproximação entre os universos formais e não-formais de aprendizagem, devido aos recursos educacionais abertos (*open educational resources*) que existem na Internet. Há várias formas de conteúdos abertos na rede e veremos alguns exemplos específicos na área de música.

Em anos recentes, um dos projetos que teve maior visibilidade dentro do sistema educacional nos Estados Unidos foi o OpenCourseWare<sup>7</sup>, do MIT (Massachusetts Institute of Technology). Em 2001, foi anunciado o ousado objetivo de colocar na Internet, gratuitamente, o conteúdo de todos os cursos ofertados pela instituição. Em 2008, já existem mais de 1800 cursos disponíveis online, incluindo várias disciplinas no campo da música. Da mesma forma, muitas outras universidades no mundo todo estão abrindo suas portas e permitindo o acesso a conteúdos pelos quais antes eram cobrados milhares de dólares. O projeto iTunes University<sup>8</sup>, por exemplo,

---

<sup>7</sup> <http://ocw.mit.edu>

<sup>8</sup> Acessível por meio do software iTunes (<http://www.apple.com/itunes>).

disponibiliza na forma de arquivos digitais aulas, palestras e conferências ocorridas em Stanford, Columbia, Yale, Oxford, entre diversas outras.

Além das universidades, projetos organizados e mantidos por parcerias entre indivíduos, instituições e corporações também colocam recursos educacionais na Internet. Alguns, como o Merlot<sup>9</sup>, criam repositórios de objetos de aprendizagem, oferecendo ainda sugestões de uso desses objetos em atividades educacionais. Objetos de aprendizagem são “pedaços de informação” que são reutilizáveis, como um arquivo em flash para ensinar o que é grave e agudo. Tal arquivo poderia ser usado por um professor canadense com seus alunos na escola primária e depois por um brasileiro com alunos de pós-graduação, em contextos completamente diferentes, mas tendo como ponto central o mesmo material. O principal problema enfrentado por projetos como esse é a indexação dos objetos de aprendizagem, ou seja, como identificar os objetos para que canadenses, brasileiros e educadores do resto do mundo possam localizar conteúdos de interesse.

Mais um exemplo de recursos educacionais abertos é o Google Books<sup>10</sup> que, de acordo com uma reportagem do New York Times, em março de 2007 já tinha digitalizado um milhão de volumes<sup>11</sup>. Assim como fazemos buscas no Google, podemos restringir nossas pesquisas a livros com o Google Books. Mas, se por um lado “conteúdo aberto” pode significar um livro inteiro, por outro pode ser apenas uma anotação do professor. Organizar todo esse universo de informação é uma tarefa difícil, tanto para educadores quanto para alunos. Fazer uso desses recursos de maneira a aproveitá-los ao máximo é um desafio que ainda estamos aprendendo a encarar.

## **Como tudo isso funciona para a educação musical a distância?**

A música se diferencia das outras áreas na educação a distância porque alguns de seus aspectos são essencialmente práticos, como aprender a tocar um instrumento. Não é possível ficar apenas no campo das idéias e discutir em um fórum sobre como se toca o violão. Nesse caso, para que o processo de aprendizagem aconteça, o aluno deve praticar, o professor deve observar e dar um feedback, preferivelmente com interações em tempo real, quando as sugestões e correções são imediatamente colocadas em prática. Isso pode ocorrer em cursos realizados a distância, mas

---

<sup>9</sup> <http://www.merlot.org>

<sup>10</sup> <http://books.google.com>

<sup>11</sup> [http://www.nytimes.com/2007/03/10/business/yourmoney/11archive.html?pagewanted=1&\\_r=1](http://www.nytimes.com/2007/03/10/business/yourmoney/11archive.html?pagewanted=1&_r=1)

com uma demanda de tecnologias e equipamentos mais complexos do que nas situações em que somente textos são trocados entre mestres e aprendizes.

Em compensação, outras disciplinas da música são extremamente apropriadas para estudar no computador, como percepção. Websites como o Musictheory.net<sup>12</sup> fazem um papel de tutores incansáveis, pois repetem exercícios exaustivamente, possibilitando práticas sem interrupções a qualquer momento do dia. Por esse motivo, o computador se transformou em um grande aliado também em cursos presenciais, tornando ainda mais natural o seu uso nos cursos realizados a distância.

Porém, para lidar com os aspectos práticos, a tecnologia acessível à maioria da população brasileira que usa a Internet ainda não é boa e barata o suficiente. Para que cursos com excelentes transmissões de vídeo ocorressem, seria preciso ter áudio e imagem de boa qualidade, com câmeras, microfones e estúdios apropriados. Tal infra-estrutura ainda não é comum nem em pólos presenciais de projetos como a Universidade Aberta do Brasil, muito menos nas residências dos alunos. Na Berkleemusic, as aulas de instrumento não utilizam interações síncronas em vídeo, comprovando que o uso do Skype não é padrão. Por exemplo, em cursos de jazz na guitarra, os alunos gravam suas improvisações em MP3 e as enviam para o professor, que faz comentários e sugestões. Processos como esse exigem atenção individual, nos levando a refletir sobre a seguinte questão: com as particularidades da música, como lidar com o grande número de alunos que estão surgindo com a educação a distância?

Uma das tendências mundiais em EAD são as megauniversidades, instituições como a Allama Iqbal Open University, no Paquistão, e a Indira Gandhi National Open University, na Índia, ambas com mais de 1 milhão e 800 mil alunos. A Anadolu University, na Turquia, e a Islamic Azad University, no Irã, também contam com mais de um milhão de alunos. A Universidade Aberta do Brasil, embora não seja uma "universidade", e sim um projeto que articula diversas universidades, ofereceu 46 mil vagas em 2007 e deverá ter 300 mil vagas em 2010<sup>13</sup>. São números expressivos, é uma educação em massa. Essa é uma das motivações para muitos países em desenvolvimento utilizarem a modalidade a distância para a educação de suas populações, pois assim maiores contingentes são atingidos com qualidade e rapidez.

---

<sup>12</sup> <http://www.musictheory.net>

<sup>13</sup> Dados acessados no site <http://uab.capes.gov.br>



Como trabalhar com as particularidades de cada disciplina da música, mantendo o foco em detalhes relevantes e realizando os ajustes necessários? Quais serão as conseqüências para professores e tutores que ficam disponíveis 24 horas por dia, todos os dias da semana? Tais questões são de extrema importância para os envolvidos com EAD, pois aqueles trabalhando na área sabem como a atenção ao e-mail deve ser constante e como é difícil dedicar o tempo necessário para todas as questões que surgem. A aula não termina na sexta-feira às 18h como antes. Muitas tarefas e atividades que tradicionalmente ocorreram dentro da sala de aula agora irão acontecer em horários diferentes, exigindo uma dedicação extra dos professores.

Com o barateamento de aparelhos portáteis, como celulares e PDAs, que tornam mensagens eletrônicas acessíveis a qualquer instante, a situação tende a ficar ainda mais delicada. Em uma palestra proferida no MIT<sup>14</sup>, para se referir aos aparelhos Blackberry, uma marca como Nokia ou Samsung, JoAnne Yates usou o termo “crackberry”, um trocadilho com a droga crack, porque observou como os equipamentos tecnológicos também criam vícios e dependências. Muitos profissionais não conseguem se desligar do trabalho, pois estão constantemente checando se há novas mensagens em seus correios eletrônicos. Quando outras pessoas sabem que você sempre estará conectado, esperam uma resposta imediata e reclamam se não a recebem no prazo de alguns breves momentos. Tal situação seria nova e inusitada para a maioria dos educadores musicais, acostumados a trabalhar presencialmente e a ter intervalos entre as aulas, e poderia ocasionar desconforto e estranhamento.

Para a solução desse problema, alguns pesquisadores propõem uma automatização dos cursos online, transferindo para máquinas muitas tarefas que atualmente são realizadas por seres humanos. Jim Taylor, professor da University of Southern Queensland, na Austrália, desde 2001 anuncia que os cursos de bacharelado daquela instituição podem ser completados apenas com interações via computador, se assim o aluno desejar<sup>15</sup>. Há pessoal disponível para responder perguntas ao telefone ou pessoalmente, mas aqueles que preferirem resolver todas as suas dúvidas utilizando somente os meios eletrônicos não precisam conversar diretamente com nenhum professor, tutor ou responsável administrativo.

---

<sup>14</sup> *CrackBerries: exploring the social implications of wireless e-mail devices*, palestra de JoAnne Yates acessada por meio do iTunes University.

<sup>15</sup> <http://www.usq.edu.au/users/taylorj>

Ainda há muitos preconceitos contra o atendimento automático, tanto por parte de alunos quanto de professores, em todas as áreas de ensino. Porém, Jim Taylor afirma que essa é a maneira de viabilizar a EAD economicamente, para que seja possível oferecer educação a um maior número de alunos, mantendo os custos dentro de padrões aceitáveis. Em uma palestra, Taylor (2007) indicou que, para resolver dúvidas, um atendimento realizado face-a-face gera um custo de 8 dólares; usando o telefone, entre 4 e 6 dólares; e com e-mail, de 0.50 a 2.50 dólares. Com o “web self-service”, esse custo passa a 0.24 dólares. Dados como esse são difíceis de contestar, mas não justificam a aprovação de novas metodologias sem profundas reflexões e testes, mesmo com uma postura que aceita desafios e experiências. De qualquer forma, os novos cenários colocados pela educação a distância forçarão professores e alunos a lidar com questões como essa, levando-os a repensar suas práticas e eventualmente a aderir a algumas propostas inovadoras.

A educação a distância é uma modalidade que se tornou consistente e comprovou suas vantagens ao longo de um extenso período. Muitos cursos e instituições resistiram ao teste do tempo utilizando as tecnologias disponíveis para promover o contato de aprendizes com conteúdos educacionais e com o auxílio de professores para a resolução de dúvidas. Nas áreas relacionadas à música, embora a EAD não seja uma novidade, somente em anos recentes é que vimos a implementação concreta dos primeiros programas formais no Brasil, financiados pelo governo do país e estruturados em universidades federais. A partir desse início, provavelmente veremos outras iniciativas, ampliando o campo de ação da educação musical a distância e oferecendo uma contribuição significativa para a população brasileira.

## **Bibliografia**

GOHN, Daniel M. Estudo da música e educação a distância. In: LITTO, Fredric Michael e FORMIGA, Marcos (orgs.). *Educação a distância: o estado da arte*. São Paulo: Editora Pearson Education. p. 282-288, 2008.

KENYON JONES, Christine. *The people's university*. 150 years of the University of London and its external students. London: University of London, 2008.

MAYOR, Barbara e SWANN, Joan. The English language and ‘global’ teaching. In: LEA, Mary R. e NICOLL, Kathy (eds.). *Distributed learning*. Social and cultural approaches to practice. London: RoutledgeFalmer, 2002. p. 111-130.

NETTO, Samuel Pfromm. *Telas que ensinam*. Mídia e aprendizagem: do cinema ao computador. Campinas: Editora Alínea, 2001.

OECD. *Giving knowledge for free*. The emergence of open educational resources. Paris: OECD Publishing, 2007.

TAYLOR, Jim. *5th Generation Distance Education: A Sustainable Approach to Development*. Palestra apresentada no congresso "Global Development Learning Network", realizado em Tóquio, Japão, entre 18 e 21 de Junho de 2007. Disponível em <[http://www.usq.edu.au/users/taylorj/publications\\_presentations/GDLN-APA%20Mk%20II.pps](http://www.usq.edu.au/users/taylorj/publications_presentations/GDLN-APA%20Mk%20II.pps)>. Acesso em 20/10/2008.